

Título: Psicodrama e diversidade: o mundo que queremos.

Categoria: Grupos de Debate

Tema: Grupo Debate 06 – Ética do Psicodrama com populações estigmatizadas.

Mediador: Érico Vieira.

Modalidade de apresentação: presencial.

Declaro que estou ciente de que a modalidade de apresentação de trabalhos deve ser a mesma modalidade na qual me inscrevi no congresso.

Autora: Mariana Leão Côrtes Berquó – Psicóloga (CRP 01/15754), Psicodramatista Terapeuta-Didata e Supervisora pela FEBRAP.

E-mail: marianaleaocb@gmail.com

Co-autora: Maria da Penha Nery – Psicóloga (CRP 01/3502), Psicodramatista Terapeuta-Didata e Supervisora pela FEBRAP. Doutora em Psicologia pela UnB. Autora dos livros "Vínculo e Afetividade" e "Grupos e Intervenção em Conflitos". Organizadora dos livros "Intervenções Grupais" e "Vínculos, Afetividade e Poder".

E-mail: mpnery@gmail.com

Instituição de ensino das autoras: Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama – ABP.

Apoio financeiro: Não se aplica.

Declaro que li o Regulamento do 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA e 2º CONGRESSO IAGP REGIONAL LATINO-AMERICANO DE PSICOTERAPIA DE GRUPO E PROCESSOS GRUPAIS e concordo com o uso dos trabalhos em anais do congresso e/ou outras publicações.

Declaro que li o Regulamento do 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA e 2º CONGRESSO IAGP REGIONAL LATINO-AMERICANO DE PSICOTERAPIA DE GRUPO E PROCESSOS GRUPAIS e concordo com os termos.

RESUMO

Propomos uma reflexão do mundo e do psicodrama que queremos, com mais diversidade e inclusão, a partir de algumas provocações como: que mundo é esse que queremos? Como poderíamos ter uma convivência com as diferenças? Como poderíamos construir um mundo com mais diálogo empático? Como, cada um de nós, pessoal e profissionalmente nos preparamos para esse mundo? Até que ponto nossa prática de fato contribui para libertar a pessoa de conservas culturais que adoecem, desenvolvendo a espontaneidade-criatividade? Como conquistamos a crítica social, de nosso trabalho e a autocrítica? Na realidade brasileira, patriarcal, neoliberal e judaico-cristã, as desigualdades geram violências e sofrimento aos grupos minoritários, os pobres, os negros, os indígenas, os LGBTQIA+, as mulheres, as crianças, os idosos, os imigrantes. No texto utilizamos os teóricos queer Paul B. Preciado (2020) e Judith Butler (2018), contribuindo para a compreensão das diversidades, das minorias políticas e das relações de poder relacionada a elas, especialmente sobre a desconstrução do que é gênero e sexualidade. É urgente fortalecer a ética relacionada à espontaneidade-criatividade que promova a consciência sociocrítica, que produza um mundo relacionado ao diálogo empático, à convivência com as diferenças, à promoção da igualdade social e o fomento da luta antirracista e contra a LGBTfobia, através de conhecimento e de novas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade, ética, inclusão, minorias, LGBTQIA+.

Psicodrama e diversidade: o mundo que queremos.

O movimento psicodramático no Brasil encontra-se cada vez mais aberto para a construção do mundo que queremos. O 24º Congresso Brasileiro, que ocorrerá em setembro de 2024, com a temática “Que mundo queremos? Eu, você, nós”, traz a potência do psicodrama e dos encontros para essa construção.

Também as recentes produções teóricas e práticas se conjugam com o mundo utópico de Moreno (1984), mais diverso, inclusivo e igualitário. Temos como exemplo os livros “Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões” (2020), “Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e Política” (2021), “Etnodrama: Contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais” (2023), “Sexualidade, Corpos e

Poder: Desobediências criadoras” (2024), “Sonho como resistência: Psicodrama e neoliberalismo” (2024). Há também diversos artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso recentes que trazem as temáticas sobre psicodrama que abordam, por exemplo: LGBTfobia, decolonização, feminismos, corpo, relações de poder ou poliamor.

Todas essas obras trazem temas importantes relacionadas a gênero, LGBTfobia e racismo, que se entrelaçam, visando conquistas de direitos básicos para a população oprimida. Para Malaquias (2020) a constituição do povo brasileiro traz o colonialismo, escravismo e racismo, e por isso “é necessário colocar em evidência a maneira como a história se fez e suas decorrências para as relações entre negros e não negros no Brasil” (p. 15).

O foco no desenvolvimento dos grupos e relações, a partir da espontaneidade e da criatividade, torna o psicodrama uma ciência potente para reflexão e transformações sociais. De acordo com Vieira (2020, p. 33) “O psicodrama pode, assim, ajudar a desvelar os mecanismos de encobrimento das relações de poder que permitem a exploração e a reprodução de privilégios injustos”. Vomero (2024, p. 49) reforça esta concepção ao afirmar que “a potência do psicodrama está na sua arte de tecer desvios e na sua estrutura teórico-metodológica que rompe com saberes dicotômicos, dualistas e que privilegiam a superioridade da racionalidade, facilitando, assim, o tráfego por vias de resistência e enfrentamento da hegemonia”.

A desigualdade social, o racismo e todas as violências, são expressas em estatísticas assombrosas no Brasil, evidenciando a urgência de mudanças sociais profundas. Dentro da questão de gênero, por exemplo, temos o resultado triste e alarmante de que em 2021, 3.858 mulheres foram mortas de forma violenta no Brasil (IPEA). O número representa mais de 10 mortes por dia, uma profunda misoginia no país, colocando as mulheres como um dos maiores grupos de vítimas de violência cotidiana. E quanto aos efeitos do racismo, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2024), o assassinato de homens e mulheres negras lidera os rankings de homicídios no Brasil. Em 2021, houveram 36.922 casos de homicídios de pessoas negras.

Nós, psicodramatistas, estamos nos debruçando em profundas questões pessoais, relacionais e grupais, para desenvolvermos a ética em nossas práticas. Ética relacionada à espontaneidade-criatividade que promova a consciência sociocrítica, que produza um mundo relacionado ao diálogo empático, à convivência com as diferenças, à promoção da igualdade social e o fomento da luta antirracista e contra a LGBTfobia.

Nesse sentido, em nossas teorias e práticas fazemos várias perguntas, dentre elas: que mundo é esse que queremos? Como poderíamos ter uma convivência com as diferenças? Como poderíamos construir um mundo com mais diálogo empático? Como, cada um de nós, pessoal e profissionalmente nos preparamos para esse mundo? Até que ponto nossa prática de fato contribui para libertar a pessoa de conservas culturais que adoecem, desenvolvendo a espontaneidade-criatividade? Como conquistamos a crítica social, de nosso trabalho e a autocrítica? São questões que precisam estar em nosso cotidiano profissional e em todas as áreas de atuação, sob pena de reproduzirmos injustiças sociais e mantermos o *status quo* de promoção de preconceitos, violências e desigualdades no país.

Não basta apenas quereremos esse mundo, mas precisamos ter as bases para essa conquista, ou seja, o autoconhecimento, a consciência sociocrítica, o preparo pessoal, teórico e técnico. Nesse sentido, além dos estudos de psicodramatistas que estão se debruçando sobre a diversidade, e realizando uma prática nesse sentido, podemos também nos apoiar em teóricos da cultura e de gênero, ou os teóricos queer. Por exemplo, Paul B. Preciado (2020) e Judith Butler (2018) contribuem para a compreensão das diversidades, das minorias políticas e das relações de poder relacionada a elas. Fazem profunda reflexão, principalmente, sobre a desconstrução do que é gênero e sexualidade.

Butler (2017) diz que gênero é uma construção social, é performativo, ou seja, nós o fazemos, nós o praticamos. O gênero não é essência, não nos é dado, é aprendido na vida social, cultural e histórica. Segundo a autora, na sociedade, algumas vidas não são inteligíveis e por isso não podem não podem ser visíveis e vivíveis, como os LGBTQIA+.

Na sociedade em que vivemos, patriarcal, neoliberal e judaico-cristã, as relações de poder social são vivenciadas dentro da cisheteronormatividade. A cisheteronormatividade nos revela que apenas a binaridade homem-mulher, a heterossexualidade e a família com filhos constituem o jeito de ser e de viver corretos, e que privilégios socioeconômicos.

As existências dissidentes são categorizadas como patológicas, desviantes ou anormais. Em muitos países são vistas como criminosas ou pessoas que serão condenadas à prisão ou à morte. E, ainda, se colocarmos outras transversalidades, considerando outras minorias políticas como, por exemplo, as raciais e de classe, mais ainda poderosos os brancos/as brancas e os ricos/as ricas.

As minorias, ou grupos sociopolíticos minoritários não se relacionam com quantidade, mas com acesso a bens e direitos econômicos, sociais e culturais. Historicamente, os pobres, os negros, os indígenas, os LGBTQIA+, as mulheres, as crianças, os idosos, os imigrantes, são grupos que estão fora do topo da hierarquia social, são os grupos passíveis de exclusão social e de terem as vidas precarizadas (Souza, 2019).

Focando, por exemplo, na minoria LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e transgênero, queer, intersexo, assexuais e mais diversas outras identidades ou expressões de gênero e orientações sexuais que surgirem): há preconceitos, violências, exclusões e assassinatos por serem quem são. No Brasil, em 2022, 8.028 pessoas dissidentes sexuais e de gênero foram vítimas de violência, um aumento de 39,4% em relação a 2021 (IPEA, 2024).

Porém, cada nomeação das mais diversas formas de ser e estar no mundo traz mais possibilidade de um respiro em relação à cisheteronormatividade, com mais liberdade, direitos e visibilidade.

Para Preciado (2015), nosso corpo e experiência sexual não se resumem ao campo biológico, pênis/vagina. Toda corporalidade pode e deve ser liberada para o prazer. Para o autor, a transgeneralidade é uma existência que aprofunda a saída do binarismo de gênero (homem/mulher) e de orientação sexual (hetero/homossexual).

Quando falamos em LGBTQIA+ temos as vertentes de orientação sexual, de gênero, de expressão de gênero e de forma de estar no mundo. Não estamos afirmando dentro de identidades rígidas, que servem para serem usadas como armas ou acirrar preconceitos. Mas estamos dentro de uma visão das identidades fluídas, que favoreçam o diálogo e a luta pelos direitos de ter vida vivível e visível. Nessa visão, temos a fluência do ser e do estar no mundo não só dentro da Matriz de identidade moreniana de fases de nossa história, mas a Matriz que se atualiza no aqui-agora e no devir, que gera a espontaneidade-criatividade como mais potente do que a identidade.

A desconstrução do binarismo tensiona a relação com o conservadorismo (ou o movimento de grupos dominantes, em sua maioria compostos por homens, brancos, machos e ricos) em várias instâncias da sociedade. Essa tensão ocasiona, por exemplo, as tentativas de regressões em leis favoráveis aos homossexuais; acirramento do discurso religioso, dentro da ideologia da culpa e pecado; o apoio à “cura gay”, com os profissionais da saúde que ainda patologizam a homossexualidade.

Portanto, Moreno (1992), os psicodramatistas contemporâneos e os teóricos da cultura e do gênero com seus estudos nos favorecem uma ética que gera novos espaços de potências e de enfrentamentos sociais. São enfrentamentos que buscam promover relações de poder em que a voz e o direito das minorias sociopolíticas emergem com mais força e a relação dialógica aconteça entre os diversos grupos sociais.

Em termos práticos, temos trabalhado com sociodramas em cursos, empresas e Congressos, como por exemplo, o curso “Afetividades e Sexualidades”, o Sociopsicodrama “Fórum da diversidade”, “na espiral da diversidade”. Nesses métodos de ação, em síntese, aquecemos o grupo para viver algumas minorias políticas, e surgem os protagonistas com suas cenas, sofrimentos e angústias. Aparecem as relações de poder na sociedade abusivas e adoecedoras. E o grupo, por meio da vivência de suas cenas escolhidas e com as técnicas como duplo, espelho, solilóquios, interação com plateia, vai encontrando possibilidades novas de ação.

A Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama – ABP, também busca estar à frente da luta por um psicodrama dentro do mundo que queremos. Em 2024 ocorreu a jornada “Psicodramas: Viva a diversidade”, realizou o primeiro edital para concessão de bolsas de estudo para pessoas pretas, pardas e indígenas, o “Edital Diversidade”, e o psicodrama público “Temática Estética LBGT: da marginalização à liberdade”. Pensar em como incluir mais diversidade nas instituições que formam os psicodramatistas e nos eventos psicodramáticos é outro desafio urgente.

Nesse processo constante e contínuo, a crítica social e política, a autocrítica, e a consciência do mundo em que vivemos nos ajudam a pensar, repensar, fazer e refazer a ética dentro da utopia moreniana de um mundo melhor.

Referências

- Butler, J. (2017). *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. São Paulo: Autêntica.
- Butler, Judith. (2018). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2023). *Atlas da Violência*. 7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf (ipea.gov.br).

- Malaquias, M. C. (org). (2020). *Psicodrama e relações étnico-raciais: Diálogos e reflexões*. São Paulo: Ágora.
- Malaquias, M. C. (2023). *Etnodrama: Contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais*. São Paulo: Ágora.
- Merengué, D. (2024). *Sonho como resistência: Psicodrama e neoliberalismo*. São Paulo: Ágora.
- Moreno, J. L. (1984). *Psicodrama* (3ª ed) (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Cultrix. (s/d da publicação original).
- Moreno, J. L. (1992). *Quem sobreviverá? – Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama* (Farias, A. R., Rodrigues, D. L, Kafuri, M. A Trans. Amaral, G. F. Oliveira, P. M, Revisão técnica) Goiânia: Dimensão. (Trabalho original publicado em 1953).
- Nery, M. P., Eutrópio, A. C. & Vomero, L. S. (orgs) (2024). *Sexualidade, Corpos e Poder: Desobediências criadoras*. São Paulo: Ágora.
- Preciado, P. B. (2015). *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 edições.
- Preciado P. B. (2020). *Um apartamento em Urano. Crônica de uma travessia*. São Paulo: Zahar.
- Souza, J. (2019). *A elite do atraso, da escravidão à Bolsonaro*. São Paulo: Estação Brasil.
- Vieira, E. D. (2020). *Possibilidades psicodramáticas de resistência ao fascismo contemporâneo*. In: Dedomenico, A. M. & Merengué, D. (orgs). *Por uma vida espontânea e criadora: Psicodrama e política*. (pp. 19-35). São Paulo: Ágora.
- Vomero, L. S. Z. (2024). *Conserva corporal – Via de acesso para a (des)colonização do coinconsciente*. In: Nery, M. P., Eutrópio, A. C. & Vomero, L. S. (orgs). *Sexualidade, Corpos e Poder: Desobediências criadoras*. (pp. 33-1). São Paulo: Ágora.